

# O SUJEITO NULO NA VARIEDADE AFRICANA DO PORTUGUÊS GUINEENSE: EXPRESSÃO E MORFOLOGIA DE FLEXÃO VERBAL EM DADOS ESCRITOS

Daniela Paula de Lima Nunes Malta<sup>1</sup>  
Cláudia Roberta Tavares Silva<sup>2</sup>

## RESUMO

A presente pesquisa traz um recorte da dissertação “A natureza da morfologia de flexão verbal e o parâmetro do sujeito nulo em dados escritos de variedades africanas do português: uma análise contrastiva” que teve como objetivo principal realizar um estudo contrastivo entre variedades africanas do português (o português de Angola, de Guiné-Bissau, de São Tomé e Príncipe), centrando a atenção na natureza da morfologia de flexão verbal e suas possíveis implicações para o Parâmetro do Sujeito Nulo, tomando por base redações produzidas por alunos africanos como requisito para seu ingresso na Universidade de Integração Internacional da Lusofonia Brasileira (UNILAB), localizada em Redenção-CE. Para este trabalho, discutiremos apenas a variedade do português de Guiné-Bissau (PGB). Para tanto, partimos da base teóricachomskyana de Princípios e Parâmetros somada à Sociolinguística Variacionista para abordagem do *corpus* proveniente de redações extraídas nos processos seletivos para ingresso de alunos oriundos de Guiné Bissau na UNILAB. Os dados submetidos a tratamento quantitativo no programa computacional GOLDVARB X apontam para um *continuum* sociolinguístico entre o Português de Guiné Bissau, o Português Brasileiro e o Português Europeu em relação às marcas de concordância e a predominância do sujeito pleno.

**Palavras-chave:** Português de Guiné Bissau, Parâmetro do Sujeito Nulo, Concordância, Linguística de Contato, Multilinguismo.

## INTRODUÇÃO

De modo mais geral, não deixa de ser razoável presumir que a linguagem se pode aproximar de um sistema ‘perfeito’ (...). Se essa intuição for acertada, faz sentido leva-la até aos seus limites para ver o que se pode descobrir sobre esta curiosa e cada vez mais misteriosa componente da mente humana. (CHOMSKY, 1999, p 504)

A realidade da língua é movimento e, mesmo quando considerada sincronicamente, fundamenta-se num equilíbrio instável.

<sup>1</sup> Doutoranda do Curso de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Pernambuco - UFPE, [malta\\_daniela@yahoo.com.br](mailto:malta_daniela@yahoo.com.br)

<sup>2</sup> Orientadora e Doutora em Letras pela UFAL, docente do Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal de Pernambuco – UFPE, [claudiarobertats@gmail.com](mailto:claudiarobertats@gmail.com) .

(COSERIU, 1979, p39)

A fascinação pela linguagem sempre fez parte da história da humanidade. A partir do momento em que o homem passou a viver em sociedade, a linguagem teve um papel fundamental, pois é o código que permite a comunicação entre todos os seres da comunidade. Segundo Martinet (1985, p.12), “[...] a linguagem designa propriamente a faculdade de que os homens dispõem para se compreenderem por meio de signos vocais”. Em outras palavras, apesar de os seres humanos também utilizarem outros meios para comunicarem, tais como: a pintura, o desenho, os símbolos, a escrita, o som, entre outros, a linguagem humana depende do aparelho fonador, o que a condiciona prioritariamente vocal, já que existem sociedades que se comunicam sem utilizar a escrita nem a leitura. Cabe ressaltar ainda que o lugar das línguas naturais oralizadas e das línguas de sinais que independem do aparelho fonador estão também em plena interação nos contextos sociais.

Nesse universo complexo da linguagem, há uma imensa heterogeneidade linguística. Para Faraco (2016, p. 05), as línguas “mudam constantemente no eixo do tempo, e estas mudanças não só se dão nem para melhor, nem para pior; elas simplesmente mudam”. De forma descritiva, Bagno (2008, p. 136) acrescenta que “a língua não é um bloco compacto, homogêneo, parado no tempo e no espaço, mas sim um universo complexo, rico, dinâmico e heterogêneo”. Ou seja, a língua é uma parte efetiva da linguagem que compõe um princípio individual, porém não é determinado por um único ser, e sim por um grupo social, tornando-se produto do meio, estando intimamente condicionada às dialéticas histórico-políticas que se constituem por meio de representações do universo imaginário-ideológico das comunidades em que são faladas.

Diante do exposto, iremos abordar a variedade do português guineense, tendo em mente como se comporta o Parâmetro do Sujeito Nulo e sua relação com a morfologia de flexão verbal. Mas, antes de discutirmos aspectos estritamente linguísticos, discorreremos um pouco sobre a sócio-história de Guiné-Bissau. Esse país, oficialmente República da Guiné-Bissau, localiza-se na África Ocidental em divisão fronteiriça com o Senegal ao norte, Guiné ao sul e ao leste e, com o Oceano Atlântico, a oeste. O território guineense abrange 36 125 km<sup>2</sup>, com uma população estimada de 1.624.945 de pessoas (INE, 2018). O país foi uma das cinco colônias portuguesas no continente africano desde meados do século XVI até ao século XX. Além disso, foi a

primeira colônia portuguesa no continente africano a ter a independência reconhecida por Portugal em 1974.

É fato que há um complexo universo demultilinguismo e multiculturalismo em Guiné-Bissau que conta com mais de vinte grupos étnicos, entre os quais se destacam balanta, fula, manjaco, mandinga, pepel, mancanha, beafada, bijago, felupe, nalu, tanda, cocoli e susso. Dessa forma, o país apresenta uma vasta diversidade linguístico-cultural. O crioulo não é língua de nenhuma etnia, mas sim de todos os povos, criada durante o período da colonização e escravização colonial. Muitas características culturais são aparentemente comuns em certas etnias, (por exemplo, a forma de se vestir entre fulas, mandingas beafadas e sussos; as práticas de agricultura entre balantas, felupes e nalus; a forma de extração de vinho entre manjacos, mancanhas, balantas e pepeis; o jeito de pescar entre bijagos e pepeis), mas muitas outras características se diferem – a língua é uma delas (COUTO, 1994; NAMONE, 2014).

Para a realização deste trabalho, utilizamos um *corpus* que foi necessário à produção da dissertação de mestrado, sendo essa pesquisa aprovada pelo Comitê de Ética da UFPE em março/2018 (CAAE: 3 82085517.7.0000.5208). O Banco de Dados dessa dissertação constitui-se da coleta de 100 redações em cada um destes países: Angola, Guiné-Bissau e São Tomé e Príncipe, totalizando, portanto, 300 textos. Para este trabalho investigativo, empreendemos um recorte na referida dissertação e trabalhamos apenas com 100 redações produzidas por alunos oriundos de Guiné-Bissau que se submeteram a um exame para ingresso na Universidade de Integração Internacional da Lusofina Afro-brasileira - UNILAB, em Redenção-CE, com entrada no período de 2013 a 2018. A UNILAB congrega alunos de Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa (PALOP), mas inclui também Timor-Leste e Macau. Seu projeto político-pedagógico é ousado, assim como o da Unila e o da Uniam, visando à integração internacional.

Em linhas gerais, esta pesquisa tem como objetivo verificar e analisar, à luz da perspectiva gerativa, com base no modelo Princípios e Parâmetros (CHOMSKY, 1981, 1986, entre outros), o Parâmetro do Sujeito Nulo e a morfologia de flexão verbal aliados à Sociolinguística Variacionista (LABOV [1968], 2006), enfocando a situação da variedade do português guineense.

De uma maneira geral, dividimos este trabalho em cinco partes: inicialmente abordaremos a teoria gerativa, faremos uma reflexão sobre o português da Guiné-Bissau, levando em conta o contexto de multilinguismo deste país. A seção três

apresenta a metodologia da pesquisa; na seção quatro, realizaremos a análise dos dados, por fim, apresentaremos nossas considerações finais.

## **TEORIA GERATIVA: A BASE DA PESQUISA**

Tendo como base a abordagem inatista da linguagem, a Teoria Gerativa proposta por Chomsky (1981, 1986, entre outros) fundamenta-se na ideia de que existe um órgão responsável pela linguagem na mente-cérebro do indivíduo, a saber: a Faculdade da Linguagem (FL) que lhe permite não só produzir, mas também compreender sentenças numa dada língua. Essa faculdade é definida como “uma componente particular da mente humana” (CHOMSKY, 1986, p.22)

Na FL há um dispositivo de aquisição da linguagem (denominado de Gramática Universal, GU) através do qual a criança, quando exposta ao *input* (dados linguísticos primários), é capaz de adquirir a gramática de uma língua particular, ou seja, a competência linguística, objeto de estudo da Teoria Gerativa. Essa competência também entendida como a língua-I(nterna) distingue-se da língua-E(xterna): aquela diz ao conhecimento gramatical inconsciente adquirido pelo falante, ao passo que esta liga-se ao desempenho, ou seja, ao uso que se faz desse conhecimento em diferentes contextos comunicativos. Visando compreender a língua-I, Chomsky (1986, p.23) formula três questões centrais:

- (i) O que constitui o conhecimento da língua? (NATUREZA)
- (ii) Como é adquirido o conhecimento da língua? (ORIGEM)
- (iii) Como é usado o conhecimento da língua? (USO)

No que se refere em particular à segunda questão, a GU é acionada logo que a criança é exposta ao *input*. Nesse sentido, trata-se do estágio inicial geneticamente determinado que se constitui de Princípios (conjunto de propriedades comuns, universais a todas as línguas) e de Parâmetros (propriedades específicas de uma dada língua, sendo o *locus* da variação interlinguística) cujos valores, positivo (+) e negativo (-), serão fixados pela criança durante o processo de aquisição da linguagem. Em outras palavras, o estágio inicial da FL é igual para todos os indivíduos, sendo os princípios as



leis gerais válidas para todas as línguas naturais, enquanto os parâmetros, as propriedades que diferenciam uma língua da outra (MIOTO et al, 2013).

Centrando nossa atenção neste momento nos parâmetros da GU, é proposto o Princípio do Subconjunto, segundo o qual o valor negativo de um parâmetro é um subconjunto do valor positivo. Por exemplo, uma língua como o inglês que obriga seus sujeitos serem realizados foneticamente (sujeitos plenos) marca negativamente o Parâmetro do Sujeito Nulo [língua - *pro-drop*], enquanto uma língua que o marca positivamente [língua+ *pro-drop*], como o italiano e o espanhol, aceita duas realizações: o sujeito pode não ser realizado foneticamente (sujeito nulo representado pela categoria vazia *pro*) ou pleno; neste último caso, estão submetidos a restrições, tais como contextos de ênfase ou de foco contrastivo (RAPOSO, 1992). Dessa distinção entre as línguas, é proposto o Parâmetro do Sujeito Nulo (PSN).

De acordo com a teoria de Princípios e Parâmetros, o português seria considerado uma língua de sujeito nulo [+ *pro-drop*], por admitir a não-realização fonética do sujeito. Porém, inúmeros trabalhos mostram que as taxas de preenchimento do sujeito no português brasileiro são cada vez maiores (cf. SOUZA et. al., 2010; ARAÚJO, 2012; BOTHERS E DUARTE, 2012; GRAVINA, 2014; KATO EDUARTE, 2014; SILVA, 2017; BAGNO, 2018; CARVALHO, 2018; MASSARIOL, 2018). Sobre isso, há pesquisadores que defendem que estamos diante de uma provável mudança na marcação do parâmetro: quando (e se) todos os sujeitos forem preenchidos no PB (respeitadas as condições pragmaticamente marcadas), teremos uma língua [- *pro-drop*], como o francês e o inglês (SOARES DA SILVA. 2006)

Para Chomsky (1981, 1986) e Rizzi (1986;1988), em línguas prototipicamente [+*pro drop*], o sujeito nulo não é uma opção. É na verdade uma forma “default”, ou seja, só é expresso se houver uma “segunda ordem”, um comando que leve o falante a realizá-lo. Isso pode ser motivado por questões de ênfase, contraste ou ainda para desfazer ambiguidades. Assim, os sujeitos nulos e expressos estariam em distribuição complementar em línguas *pro-drop*. Esses autores argumentam que sujeitos nulos nessas línguas são licenciados por uma morfologia de flexão rica capaz de identificar seus traços número-pessoais. Isso significa que línguas de sujeito nulo teriam uma morfologia flexional rica e, por isso, licenciariam a categoria vazia *pro*, porque permitem a recuperação da informação pela desinência, ao contrário de línguas de sujeito não-nulo que possuem uma morfologia flexional pobre.

Verificando o PSN em diferentes línguas, Holmber, Nayudu e Sheehan (2009, p. 68) argumentam que há uma espécie de “espectro” de sistemas de parâmetro do sujeito nulo, inclusive tal posicionamento assinala um avanço recente na referida teoria chomskyana, a saber:

- a) **línguas canonicamente pro-drop ou línguas de sujeito nulo consistente** - a morfologia de flexão verbal é rica o suficiente para licenciar e identificar os traços número-pessoais dos sujeitos nulos (ex.: italiano, grego e turco);
- b) **línguas parcialmente pro-drop ou línguas de sujeito nulo parcial** - sujeitos sem referência definida tendem a ser nulos, mas há fortes restrições à ocorrência de sujeitos nulos referenciais (ex.: hebraico, russo, finlandês e português brasileiro);
- c) **línguas radicalmente pro-drop ou línguas pro-drop radical** - sujeitos nulos são licenciados sob restrições de ordem discursiva, pois estão ligados a um tópico (ex.: chinês, japonês, tailandês e vietnamita);
- d) **línguas de expletivos nulos ou línguas de sujeitos nulos expletivos** - apenas sujeitos nulos expletivos são permitidos (ex.: alemão, holandês e o crioulo do Cabo Verde).

Diante do que foi dito sobre os quatro sistemas de línguas *pro-drop*, podemos verificar que, ao contrário do PE, uma língua de sujeito nulo consistente (BARBOSA, 1996), o PB tem sido considerado uma língua de sujeito nulo parcial, conforme defendido por Kato e Duarte (2014) pelo fato de os sujeitos nulos estarem submetidos a restrições.

Sob a ótica de Kapetula (2016), o português angolano (PA) aparenta ser uma língua de sujeito nulo que se aproxima mais do PE, ainda que haja variação a nível da interpretação nos contextos testados, o que implica que há preferência por sujeitos nulos conforme o PE.

Em contrapartida, Veríssimo (2017) ao revisitar os estudos comparativos do português de Moçambique (PM) e do PA realizados por Teixeira (2012), atesta que, em ambas as variedades, a variável forma de aquisição do português/português como L2 não foi selecionada como sendo um dos mais significativos para o favorecimento do preenchimento do sujeito. Veríssimo (op. cit.) afirma que isso é um fato que surpreendeu a Teixeira e também a ele, já que partiram do princípio de que o contato teria sido o principal gatilho para as mudanças sintáticas que são o objeto de estudo

desse trabalho. Eles esperavam que os falantes de português como L2 tendessem a exibir mais drasticamente as características de uma reanálise sintática da expressão do sujeito. Ainda, sobre o PM, Gonçalves (2010, p.23) atenta quanto às inovações morfológicas (como, por exemplo, o enfraquecimento da morfologia de flexão nominal e verbal) e verifica que são produzidas por falantes pouco escolarizados, ou, no caso em que apresentam uma distribuição social mais ampla, dizem respeito a fenômenos muito específicos, como corrobora Pissurno (2017).

## O PORTUGUÊS DE GUINÉ-BISSAU

Não há dúvidas que os africanos têm sua história linguística associada à imposição do Português Europeu, que em contato com as línguas locais resultou no crioulo. Conceitua Couto (2009, p.01) “são línguas mistas que surgiram durante o processo de exploração pelas potências europeias da África, Ásia, Oceania e América”. Em Guiné, em especial, Couto (1992) alega que, apesar do multilinguismo, é a principal língua de comunicação interétnica, o crioulo é também a língua materna dos guineenses, resultado do contato linguístico com o Português Seiscentista, por exemplo: o mandiga, o mancanha, o pepel, obijagó, o beafada e o fula.

Para Carioca (2015, p.137) “o prestígio linguístico de cada uma dessas línguas (português, crioulo, línguas africanas) se dá na proporção em que são adquiridas e assimiladas, fazendo parte da competência textual do indivíduo como língua veicular, língua materna ou segunda língua”.

Tido como língua oficial em Guiné-Bissau, o português é falado apenas por 10% da população, e ainda é desconhecido por uma grande parcela dos guineenses. Intumbo afirma que é

tida como a língua das elites e associada ao prestígio, a pessoas com um certo grau de escolaridade ou que vivem/viveram no exterior, principalmente em Portugal, ou ainda àquelas que convivem/conviveram de perto com os portugueses (INTUMBO, 2008, p.4).

Para os guineenses, a questão linguística não pode ser alterada quando se fala que não se pode interferir na língua sendo ela o mais valioso patrimônio de um povo, isto é, a língua é fator de identidade e unidade nacional, já que ambos são interligados. De outra maneira, a língua reflete, portanto, uma determinada herança étnico-cultural e representação de uma consciência nacional. Por isso, a questão da língua é levada com

tamanho respeito em Guiné-Bissau que, no próprio país, nenhuma língua poderia alcançar o *status* de língua oficial, como atesta Couto (2009, p. 55):

O fato é essa delimitação artificial resultou em estados multiétnicos e multilíngue, para os quais seria difícil encontrar se um princípio unificador. Um dos primeiros problemas, se não o primeiro, com que se defrontaram os fundadores do estado Guiné-Bissau constituiu na decisão de que língua adotar-se como língua oficial. Nenhuma etnia aceitaria que a língua da etnia vizinha tivesse este privilégio.

Dessa forma, os guineenses acreditam que mudar de língua é também mudar de etnia. Aliás, mudar de língua resulta na mudança na identidade. Por isso, o crioulo surgiu como elemento mediador entre as outras línguas étnicas, porém é considerado “língua de ninguém” porque pertence a todos guineenses, além de resolver de forma mais amena possível os primeiros conflitos oriundos no período de formação do Estado.

Ao contrário das línguas étnicas de existência linear, línguas crioulas também destacam-se no cenário linguístico de ilhas africanas colonizadas por portugueses, por exemplo. É certo que, de todas as línguas crioulas que surgiram no mundo, os crioulos africanos são os mais antigos que se conhecem (cf. DIAS, 2002; EMBALÓ, 2009; CASTRO, 2013, CASSAMA, 2014; BARBOSA, 2015; CARIOCA, 2015), e, ao mesmo tempo, são os que se caracterizam pela grande viabilidade em relação aos outros na medida em que coexistem não só com o Português, mas também com diversas línguas africanas, das quais recebem constantes influências. Segundo Couto e Embaló (2010, p. 35), “o crioulo aportuguesado contém muitos empréstimos lexicais do português e, às vezes até as expressões inteiras dessas línguas”.

No que se refere, em específico, ao português de Guiné-Bissau (PGB), Couto e Embaló (2010) apresentam uma série de peculiaridades que o difere das demais variedades de português, dentre elas, a drástica divergência rítmica da frase da variedade guineense de português em relação às variedades lusitana e brasileira. De acordo com os autores, “[o] português guineense, isto é, o português acrioulado, é falado com o ritmo do crioulo que, por sua vez provém do ritmo das línguas africanas” (COUTO; EMBALÓ, 2010, p. 52). Ademais, no âmbito da morfologia de flexão verbal, Romão (2012 *apud* SANTOS, 2015) apresenta casos de ausência de concordância verificados no PGB que têm sido atribuídos à transferência da língua materna dos falantes, a saber: o crioulo guineense cuja forma verbal carece dos morfemas número-pessoais e modo- temporais. Os exemplos (1), (2) e (3) extraído do *corpus* de nossa pesquisa evidenciam essa ausência na língua escrita:



- (1) “A consolidação da Língua Portuguesa e as ações do governo **tornaria** as nossas relações mais fortes com o PALOP e a CPLP”. [PGB10M]
- (2) “As sugestões dadas **deve** de ser do algo bom, devido à minha postura e formação”. [PGB36F]
- (3) “Todos nós **sabe** que os guineenses gosta da Língua portuguesa, mas com a dificuldades que nós enfrentar na condição econômica”. [PGB48F]

(MALTA, 2019, p. 64)

Sobre o estatuto do PGB, Couto e Embaló (2010, p. 50) verificam que:

Nas cidades, a língua que se ouve nas ruas é quase sempre o crioulo, em também só se fala crioulo, com poucas exceções. Assim, nos bairros populares, onde se concentram falantes de uma mesma etnia, volta-se ao crioulo naturalmente. No pátio das escolas, no mercado, nos *nightclubs*, nos estádios de futebol só se fala crioulo.

Além disso, para Couto e Embaló (2010) e Fonseca (2012), o português é visto pela sociedade guineense como idioma de prestígio associado à elite, a pessoas com certo grau de instrução ou que vivem no exterior. De forma geral, os guineenses consideram o acesso ao português como uma forma de garantia de ascensão social e de desenvolvimento para o país.

Por fim, há de considerarmos que a investigação científica a respeito das variedades do português africano é um fenômeno pós-colonial que se encontra em expansão nos centros universitários devido a uma conjuntura favoravelmente presente nas últimas décadas. Ao lado disso, o PE, língua oficial dos PALOP, passa a ser língua da educação, da administração, dos meios de comunicação e da ascensão socioeconômica, ou seja, “a língua alta” (HAGEMEIJER, 2017).

Vale referirmos que, após levantamento criterioso da revisão bibliográfica, constatamos ausência de estudos sobre o Parâmetro do Sujeito Nulo (PSN) no PGB tanto em amostra de falas espontâneas como em dados de escrita. Por isso, urge a demanda para trabalhos que possam documentar e investigar a evolução do PSN nessa variedade do português, de modo a contribuir para debates sobre a relevância do PGB ampliando o seu *continuum* linguístico.

## METODOLOGIA

Visando à realização desta pesquisa, organizamos uma amostra do PGB composta de 100 redações (50 produzidas pelo sexo masculino e 50, pelo sexo feminino) cujo corpus provém da pesquisa de mestrado (MALTA, 2019). Essas redações, com extensão de 20 a 30 linhas, foram selecionadas em maio de 2018 junto à Coordenação de Processo de Ingresso na UNILAB-CE.

Cabe ressaltarmos que não foi possível a identificação da língua(s) dominada(s) pelos autores das redações, já que a identificação da ficha de inscrição do vestibular da UNILAB contava apenas com nome completo, sexo e país.

Já que nossa pesquisa está alicerçada na Teoria Gerativa, a fim de estudarmos o Parâmetro do sujeito nulo, adotamos o método de abordagem hipotético-dedutivo e o método de procedimento estatístico para a realização da análise quantitativa dos dados cujos resultados foram fornecidos pelo programa Goldvarb X (Cf. SANKOFF et, al. 2005). Para tanto, o *corpus* da pesquisa constitui-se de construções frasais declarativas finitas, contendo sujeitos nulos e plenos.

Em síntese, no quadro 1, são descritas a variável dependente e as variáveis independentes com seus respectivos fatores, valendo ressaltar que, em grande parte, essas variáveis foram selecionadas da pesquisa de Duarte (1995).

**Quadro 1 – Variáveis selecionadas no estudo**

<b>VARIÁVEL DEPENDENTE</b>
(1) Sujeito nulo (2) Sujeito pleno
<b>VARIÁVEL EXTRALINGUÍSTICA</b>
<b>SEXO/GÊNERO</b> (3) Masculino (4) Feminino
<b>VARIÁVEIS LINGUÍSTICAS</b>
<b>TIPO DE VERBO</b> (5) Verbo intransitivo (6) Verbo transitivo (7) Verbo inacusativo (8) Verbo copulativo
<b>PESSOA DO DISCURSO</b> (9) P1 (eu)

(10) P3 (ele(a))

(11) P4 (nós)

(12) P6 (eles(as))

#### ANIMACIDADE DO SUJEITO

(13) [+animado]

(14) [-animado]

#### CONCORDÂNCIA VERBAL COM SUJEITOS PLENOS

(15) marcação de plural

(16) não-marcação de plural

Fonte: Autoras deste trabalho

A seção seguinte será dedicada aos resultados e discussão desta pesquisa.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Tomando por base o *corpus* da pesquisa do PGB, foram contabilizadas 4.136 ocorrências: 3.308,8 de sujeitos plenos e 827,2 de sujeitos nulos. Das 1389,6 ocorrências de sujeitos pronominais, 248,16 são sujeitos nulos, uma situação decorrente possivelmente ainda da influência do crioulo guineense, uma língua de sujeito *não-pro-drop*. Comparando nossos resultados com os de Duarte (2003) baseados na língua falada no PB, o percentual de sujeitos plenos nessa língua é muito alto (80%), o mesmo percentual obtido para os dados de escrita do PGB nesta pesquisa:

**Tabela 1** – Sujeitos nulos e sujeitos plenos nos dados escritos do PGB

Sujeitos nulos	Sujeitos plenos
20%	80%
827,2	3.308,8

Fonte: Malta (2019, p.184)

Vejamos alguns exemplos extraídos do *corpus* do PGB que contêm sujeitos plenos e nulo, tomando por base a referência semântica do sujeito:

#### A) Sujeitos com referência semântica de 1ª pessoa

(04) “Eu penso muito evidente na situação da língua portuguesa na Guiné-Bissau”.

[PGB04M]

(05) “Nós temos que falar dentro da nossa casa, rua, instituição dos Estados e privadas a língua oficial português” [PGB13M]

(06) “ pro soubemos do ocorrido anteriormente”. [PGB23M]

(07) “pro calei a voz a falar”. [PGB34F] (MALTA, 2019, p. 184-185)

**B) Sujeitos com referência semântica de 3ª pessoa:**

(08) “ *pro*Fica em termos de oralidade sem ajudar a quem não vai pra escola”.

[PGB01M]

(09) “Eles até entendem o crioulo bem”. [PGB09M]

(10) “*pro* lutaram na Independência da Guiné ano pós ano”. [PGB43F]

(MALTA, 2019, p. 185)

Sobre a referência semântica de sujeitos nulos e plenos, observamos que a maior parte está relacionada à terceira pessoa do singular, bem como do plural. Esse resultado nos parece natural, uma vez que os dados foram coletados por meio de textos escritos em que cada candidato dissertava acerca de sua visão de mundo sobre assuntos da realidade de seu país, ou seja, o enfoque era o referente. A seguir, é apresentada a tabela 2 que revela o percentual de sujeitos plenos, tomando por base a pessoa do discurso:

**Tabela 2**– Sujeitos plenos no PGB, tomando por base a pessoa do discurso

Pessoa do discurso	Nº absoluto	%	Peso relativo
P1	154/206	75	.48
P3	215/308	70	.43
P4	249/280	89	.92
P6	527/676	78	.64
<b>TOTAL</b>	1.145/1.470	-	-

Fonte: Malta (2019, p. 188)

Conforme a Tabela 2, podemos notar a expressão inegável dos sujeitos plenos no PGB, já que a maior incidência está registrada na P4 (89%) e na P6 (78%), indo ao encontro do que se observa no PB devido ao grande percentual de sujeitos plenos.



A partir do debate sobre os sujeitos de 3ª pessoa com referência definida no *corpus*do PGB, verificamos a baixa incidência de sujeitos nulos (19%), o que a distancia da variedade brasileira do distanciando do português (DUARTE, 1995) em que a terceira pessoa é a que mais apresenta sujeitos nulos.

A partir de agora, centraremos nossa atenção no uso de sujeitos nulos e plenos no PGB a depender da concordância verbal relacionada à P6, haja vista que muitos estudos apontam que a morfologia de flexão verbal rica pode favorecer o uso de sujeitos nulos, tal como observado em línguas como o italiano, o espanhol e o PE (cf. CALAZANS, 2018; BAZENGA, 2015; RUBIO, 2015, 2012; GAMEIRO, 2009). Nos dados, a seguir, são apresentados dados com ausência dessa concordância:

(11) “Eles **estamos** só consolidado então a língua portuguesa na Guiné-Bissau em todo setor de ensino porque é dele que sai todos os formandos para poder estabilizar o nosso país e desenvolvê-lo”. [PGB28F]

(12) “Eles **tinha** a oportunidade de participar de grandes encontros entre Guiné- Bissau e Brasil”. [PGB39F] (MALTA, 2019, p. 194)

Quanto à ocorrência em (11), percebemos que se trata de um contexto que não ocorre no PB, o que nos leva a inferir que pode ser decorrente da influência do crioulo guineense, pois não há obrigatoriedade do marcador plural nessa língua (SANA; BUENO, 2012).

Os resultados percentuais revelam que a concordância verbal com sujeitos plenos em P6 ocorre em 86% no *corpus*, o que implica considerarmos que é um percentual muito próximo ao que verificam Brandão e Vieira (2012a) para o PB cuja regra é variável. O que nos intriga é que, a partir desse resultado, seria esperado mais sujeitos nulos na terceira pessoa, o que não se confirma:

**Tabela 3**– Concordância verbal com sujeitos plenos em P6 no PGB

Concordância verbal de P6	Percentual	Ocorrências / PR
Marcação de plural	86%	780,88/908 .68
Não marcação de plural	14%	127,12/908 .09

Fonte: Malta (2019, p. 194)

Tomando por base a variável animacidade do sujeito, verificamos, na tabela 4, que sujeitos animados apresentam um peso relativo (.48) próximo ao nível de neutralidade(.50), o que implica dizer que nem favorece nem desfavorece a concordância verbal, ao contrário dos sujeitos inanimados que desfavorecem bastante essa concordância (.12), à semelhança do que já foi verificado em outras variedades do português (cf. LIRA, 1982, 1988; BOTASSINI, 1998; CAVALCANTE, M., 2001; LAPERUTA, 2002; CARVALHO, 2005; BRAVIN DOS SANTOS, 2006):

**Tabela 4**– Aplicação da marca de plural com P6 segundo a animacidade do sujeito no *corpus* do PGB

Animacidade do sujeito	Ocorrências	Percentual	Peso relativo
[+animado]	788/876	90%	.48
[-animado]	45/139	33%	.12

Fonte: Malta (2019, p.195)

Por sua vez, ao compararmos os resultados obtidos acima com os resultados da tabela 5, em que observamos o uso de nulos e plenos a depender da animacidade do sujeito, esperaríamos encontrar mais incidência de sujeitos plenos inanimados, o que não se confirma (.09):

**Tabela 5**– Aplicação da marca de sujeito nulo e sujeito pleno segundo animacidade do sujeito no *corpus* do PGB

Animacidade do Sujeito	Ocorrências/PR- SN		Ocorrências/PR-SP	
[+animado]	157,68/876	.31	648,24/876	.46
		18%		74%
[-animado]	123,71/139	.46	15,29/139	.09
		89%		11%

Fonte: Malta (2019, p. 195).

Ainda investigando a morfologia de flexão verbal no PGB, selecionamos a variável tipo de verbo, controlando a correlação de verbos inacusativos, transitivos,

intransitivos e copulativos com a concordância verbal, conforme apresentado na tabela a seguir:

**Tabela 6**– Distribuição dos dados sem marca de plural em P6, segundo o tipo de verbo no *corpus* do PGB

Tipo de verbo	Ocorrências	Percentual	Peso relativo
Inacusativos	24/316	7,5%	.65
Intransitivos	5/189	2,5%	.48
Transitivos	46/1525	3%	.39
Copulativos	16/463	3,5%	.63

Fonte: Malta (2019, p. 198)

Verificando os pesos relativos na tabela acima, a hipótese de que verbos inacusativos (.65) e copulativos (.63) são ambientes mais propícios à não-concordância verbal no PGB se confirma. Dados estes que confirmam nossa hipótese, já que os inacusativos, por apresentarem argumentos com características de temas, à vista disso, favorecendo o apagamento da CV. Para Búzio (1986), um verbo só atribui papel temático a seu argumento externo se atribuir caso a seu argumento interno. Posto que os verbos inacusativos apresentam a posição sujeito detematizada (vazia), não têm a capacidade de atribuir caso a seu argumento interno. Ou melhor, tais verbos selecionam apenas um argumento interno, pois a ele não é atribuído caso acusativo.

Sobre a variável extralinguística sexo, os resultados mostram que os homens (.44) estão realizando menos concordância do que as mulheres (.58):

**Quadro 6** – Aplicação da marca de plural em P6 segundo sexo no corpus do PGB

Sexo	Ocorrências	Percentual	Peso relativo
Masculino	314,34/806	39%	.44
Feminino	331/703	17%	.58

Fonte: Malta (2019, p.200)

O resultado acima pode ser explicado pelo que defende Romaine (1999) ao observar que as mulheres possuem mais consciência da pressão exercida pelas normas locais em relação ao uso da forma padrão e também do *status* a ser ascendido na

sociedade guineense. Sabemos que nas comunidades urbanas ocidentais, há uma tendência de o sexo feminino usar mais a forma de prestígio do que o sexo masculino. Nossos dados, confirmam as muitas pesquisas sociolinguísticas (Cf. SCHERRE, 1988; SCHERRE;NARO, 1998; LUCCHESI, 2006; RÚBIO, 2008;2012; 2019; BAZENGA, 2016; PISSURNO, 2017; entre outras).

Em linhas gerais, sintetizamos aqui dois fatos que parecem apontar para a confirmação da hipótese segundo a qual sujeitos plenos tendem a ocorrer mais no PGB pela possível influência do crioulo guineense que é a língua materna dos falantes:

a) em Guiné-Bissau, os falantes tiveram que aprender o português em contextos de instrução formal e são poucos os que têm acesso à educação (cf. BARBOSA, 2011; SANI, 2014; SAMPA, 2015; MORGADO, 2016). Segundo Couto e Embaló (2010, p. 47-48),

O português até hoje não é praticamente falado como língua vernácula na Guiné- Bissau. Ele só é adquirido como língua primeira, materna, por uma insignificante franja de filhos de guineenses que, tendo estudado em Portugal ou no Brasil, adotaram-no como língua de comunicação familiar, ou por filhos de casais mistos de guineenses com falantes de português de outras nacionalidades. É também o caso de filhos de portugueses residentes na Guiné-Bissau ou, então, de filhos de outros estrangeiros que por um motivo ou outro falem português em casa.

b) A regra de concordância verbal nos dados escritos do PGB é variável, mesmo em se tratando de um contexto de escrita monitorada que exigiu dos alunos uma maior atenção para o que estava sendo produzido, a fim de atender à norma europeia do português cuja regra de concordância é semicategórica.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, observamos o grande percentual de sujeitos plenos (80%) nos dados de escrita analisados, o que implica dizermos que o PGB se afasta muito do que se tem observado para a variedade europeia do português em que sujeitos nulos são bastante produtivos (Cf. LUEGI, 2014; CAVALCANTE, 2014; CARNEIRO, 2016; CARVALHO, 2017). Para o PGB, parece haver evidências fortes da influência do crioulo guineense sobre os dados. Isso se deve ao fraco domínio do português na educação, já que:

os alunos não percebem a língua portuguesa. Leem mas não compreendem o texto, alguns alunos não escrevem o português correto. Como é que um



estudante que não escreve e nem fala correto à língua portuguesa pode compreender e interpretar um texto nesta língua? Às vezes compreendem melhor quando a explicação é na língua crioula, eu já tive essa experiência. Por vezes [...] é preciso desenhar bem as coisas para fazer alguns alunos compreender em língua portuguesa (BARRETO, 2012, p. 26).

Diante do exposto, é necessária uma reflexão sobre o PGB com base na influência do multilinguismo, pois não se trata de uma mera reprodução do PE. Esperamos, portanto, que este estudo possa ter contribuído não só para uma compreensão de como ocorre o PSN e a morfologia de flexão nos dados de escrita de vestibulandos da UNILAB, oriundos de Guiné-Bissau, como também possa suscitar novas questões e pesquisas em torno da morfossintaxe do PGB que ainda é tão pouco explorada no Brasil, por exemplo.

## REFERÊNCIAS

- BAGNO, M. O que é uma língua? Imaginário, ciência e hipótese. In LAGARES, X. C.; BAGNO, M. (orgs.). **Políticas da norma e conflitos linguístico**. São Paulo: Parábola, 2008.
- BARBOSA, P. A new look at the null subject parameter. In: COSTA, J. et al. (eds.). **Proceeding of Con SOLEIV**. Leiden, nov. 1996. p. 375-395.
- BRANDÃO, S.F.; VIEIRA, S.R. A concordância nominal e verbal no Português do Brasil e no Português de São Tomé: uma abordagem sociolinguística. **Papia: Revista Brasileira de Estudos Crioulos e Similares** 22(2), pp.7-41, 2012a .
- BURZIO, L. **Italian Syntax**. Dordrecht: Reidel, 1986.
- CABRAL, A. A questão da língua. **Papia**, Brasília, v.1, n.1, 1990. Disponível em: <<http://abecs.dominiotemporario.com/ojs/index.php/papia/article/view/188/300>>. Acesso em: 12 mai. 2020. (Publicado postumamente).
- CARIOCA, C. R. **A evidencialidade na fala dos guineenses focalizando s dificuldades da comunicação** – 2015. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbla/v15n1/1984-6398-rbla-15-01-00131.pdf> Acesso em: 23 set. 2020.
- CHOMSKY, N. **Lectures on Government and Binding**. 2. ed. Dordrecht: Foris, 1981.
- \_\_\_\_\_. **Knowledge of language: its nature, origin and use**. Nova Iorque: Praeger, 1986.

\_\_\_\_\_. **The Minimalist Program**. Cambridge: Mass, MIT Press, 1995.  
(Versão Portuguesa – O Programa Minimalista, 1995. Tradução de Eduardo Raposo.  
Lisboa: Editora Caminho, 1999).

COSERIU, E. **Teoria da linguagem e linguística geral**: cinco estudos. Rio de Janeiro:  
Presença, 1979.

COSTA, S.B. **Adverbiais espaciais e temporais do português**: indícios diacrônicos de  
gramaticalização. 1998. 3 v. Tese (Doutorado em Letras e Linguística) — Instituto de  
Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador.

COUTO, H.; EMBALÓ, F. Literatura, língua e cultura na Guiné-Bissau – um país da  
CPLP. **PAPIA: Revista Brasileira de Estudos do Contato Linguístico**, v. 20, n. 1, p.  
11-253, jan./dez. 2010.

COUTO, H. H. **O crioulo português da Guiné-Bissau**. Hamburg: Buske, 1994.

\_\_\_\_\_. Português em contato: o português e o crioulo na Guiné-Bissau, in: Ana  
Maria Carvalho (ed.), **Português em contacto**, Madrid/Frankfurt amMain,  
Iberoamericana/Vervuert, 2009, p. 53–66.

\_\_\_\_\_. Política e planejamento linguístico em Guiné-Bissau. **Papia**, Brasília. V.  
1, 1990. Disponível em: <http://abecs.net/ojs/index.php/papia/issue/view/26>. Acesso em  
24jan2018.

DUARTE, M.E.L. **A Perda do princípio “evite pronome” no português brasileiro**.  
Tese – (Doutorado em Linguística), UNICAMP, Campinas, 1995.

\_\_\_\_\_. **Mudança Linguística em tempo real**. Rio de Janeiro: Contra Capa  
Livraria, FAPERJ, 2003. p. 115-128.

FARACO, C. A. **História sociopolítica da Língua Portuguesa**. São Paulo: Parábola  
Editorial, 2016.

FONSECA, S. P. B. **Aquisição e Aprendizagem da Referência nominal no contexto  
do Português** – Língua não-materna na Guiné-Bissau. Dissertação (Mestrado em  
Aquisição e desenvolvimento da linguagem) da Universidade Aberta, Portugal, 2012.

GONÇALVES, R. M. G. **Propriedades de subcategorização verbal no português de  
S. Tomé**. Dissertação de Mestrado em Linguística, Universidade de Lisboa. 2010.

HAGEMEIJER, T. **O português em contacto em África**, 2017. Disponível em:  
<http://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/31040/1/Hagemeijer2016%28MLP%29.pdf>  
Acesso em 18Ago 2018.

HOLMBERG, A.; NAYUDU, A. & SHEEHAN, M. Three partial null subject languages: a comparison of Brazilian Portuguese, Finnish and Marathi. **Studia Linguística**, v. 63, n. 1, p. 59-97. 2009.

INE. **Portal de Dados de Guiné Bissau**: INE. 2018. Disponível em: m <<http://www.stat-guineebissau.com/ine.html>>. Acesso em: 12jul2020.

INTUMBO, I. **Estudo comparativo da morfossintaxe do crioulo guineense, do balanta e do português**. 2008. 124 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Línguas em Contacto: Pidgins, Crioulos e Semi-Crioulos, Faculdade de Letras, Universidade de Coimbra, Coimbra, 2008.

KAPETULA, J. **Interpretação de sujeitos nulos no português de Angola**. Master'sthesis, Universidade Nova de Lisboa, Lisbon, 2016.

KATO, M.A.; DUARTE, M.E.L. Restrições na distribuição de sujeitos nulos no Português Brasileiro. **Veredas**, v. 18(1), p. 1-22, 2014.

LABOV, W. **Padrões sociolinguísticos**. Tradução Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo:Parábola Editorial, 2006.

MALTA, D. P. L.N. **A natureza da Morfologia de flexão verbal e o Parâmetro do sujeito nulo em dados escritos de variedades africanas do português**: uma análise contrastiva. Orientadora: Claudia Roberta Tavares Silva.Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Pernambuco. Centro de Artes e Comunicação. Programa de Pós-Graduação em Letras, Recife – PE ,2019. 237 f.

MARTINET, A. **Elementos de Linguística Geral**. 4ª ed. São Paulo: Livraria Sá da Costa, 1985.

MIOTO C. et. al. **Novo manual de sintaxe**. São Paulo: Contexto, 2013.

NAMONE, D. **A luta pela independência na Guiné-Bissau e os caminhos do projeto educativo do PAIGC**: etnicidade como problema na construção de uma identidade nacional. 2014. 120f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais), Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2014.

PISSURNO, K. C. S. **A concordância verbal de terceira pessoa do plural na variedade moçambicana do Português**: uma abordagem sociolinguística. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) – Rio de Janeiro: Faculdade de Letras/UFRJ, 2017.

RAPOSO, E. **Teoria da Gramática**: A faculdade da linguagem. Lisboa: Ed. Caminho, 1992.

RIZZI. L. **Null Objects in Italian and the Theory of pro**. *Linguistic Inquiry*, 1986. 17: 501- 557.

\_\_\_\_\_. The new comparative syntax: principles and parameters of universal grammar. In: **10th ADVANCED COURSE “LANGUAGE AND COGNITION”**. Foundation Archives Jean Piaget, Geneva, p. 1-20, October 10, 1988.

ROMÃO, V. P. **Atlas geossociolinguístico de Londrina: um estudo em tempo real e tempo aparente**. 2012. 2 v. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem)- Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2012.

SANA, N. K. P. ; BUENO, E. S. S. . Estudo comparativo da marcação de plural no PVB e no crioulo da Guiné Bissau. **Sociodialeto** (Online) , v. 1, p. 1-21, 2012.

SANKOFF et. al. **GOLDVARB X: A multivariate analysis applications**. 2005.

SANTOS, V. G. **Aspectos prosódicos do português de Guiné Bissau: a entonação do contorno neutro**. Dissertação (Mestrado em filologia e Língua Portuguesa). São Paulo: Universidade de São Paulo, 2015.

SOARES DA SILVA, H. **O parâmetro do sujeito nulo: confronto entre o português e o espanhol**. Dissertação (mestrado em Linguística) – Universidade Federal do Rio de Janeiro – Faculdade de Letras. Rio de Janeiro: 2006.

TARALDSEN, K. T. **On the NIC, vacuosity and the that-trace filter**. Indiana University Linguistics Club, Bloomington. 1978.

TEIXEIRA, E. P. A representação do sujeito pronominal no português popular angolano. **Papia**, v. 22, n. 1, p. 141-159, 2012.

VERÍSSIMO, V. O sujeito nulo em duas variedades africanas do Português. **Revista Letras Escreve**. Macapá, v.7.n.2, 2º Semestre, 2017.

